

Por Dr. Lauro Arruda - Cardiologista

HELEN BROOKE TAUSSIG: “Ler os lábios e ‘ouvir com os dedos’.”

Helen nasceu em Cambridge, Massachusetts (EUA), no dia 24 de maio de 1898. Seu pai, Frank Taussig, era economista e professor da Universidade de Harvard, e sua mãe, Edith Guild, foi uma das primeiras alunas do Radcliffe College, porém morreu ainda jovem, vítima de tuberculose, quando Helen tinha apenas onze anos.

Na sua infância Helen teve dificuldades de aprendizado, por ser portadora de dislexia. Mas superou esses obstáculos, e graduou-se na Escola para Meninas de Cambridge em 1917. Nessa fase escolar destacou-se também como jogadora de tênis. Por influência de seu avô, que era médico, interessou-se pelo estudo da biologia e zoologia, e, conseqüentemente, veio o desejo de tornar-se médica. Conquistou o bacharelado pela Universidade de Berkeley, na Califórnia, em 1921. Nessa época as mulheres não eram aceitas facilmente nas escolas de medicina, mas sua determinação nos seus objetivos, freqüentando a Escola de Medicina de Harvard e a Universidade de Boston a fizeram conseguir ser aceita na Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, onde se formou em 1927. Sempre interessada por pesquisas na área da cardiologia e pediatria, em 1930 Helen foi nomeada chefe da Clínica de Cardiopediatria do Hospital Johns Hopkins, onde trabalhou até aposentar-se, em 1963.

Durante curso médico, teve agravada sua dificuldade auditiva (hipoacusia), o que limitava a sua capacidade para auscultar os sopros cardíacos de seus pacientes. Para superar essa deficiência, a Dra. Helen desenvolveu aptidões táteis de palpação, leitura labial e aprofundou seus estudos em radioscopia e radiologia do coração. Ela comparava os dados que obtinha com esses exames com os dados provenientes de suas observações de um grande número de corações provenientes de autópsias. Assim, conseguiu reconhecer e compreender as características da estrutura anormal de qualquer que fosse a má formação cardíaca congênita. Tornou-se a maior autoridade neste assunto e possibilitou o diagnóstico das cardiopatias congênitas até mesmo para clínicos não especializados em cardiologia.

Em 1947, publicou o livro “As má- formações congênicas do coração”, considerado uma obra prima pela profundidade das análises, pelo volume de informações, pela clareza do raciocínio e pela expressividade dos esquemas contidos na publicação.

Teve também papel de destaque ao alertar as autoridades americanas (do FDA) sobre os efeitos da talidomida como causadora de graves defeitos congênicos nos fetos. Por isso, a síndrome da TALIDOMIDA nos Estados Unidos foi bem menos intensa que na Europa.

Seu nome ficou marcado na medicina pela sua contribuição para a realização do tratamento cirúrgico da doença do “bebê azul”. Ela foi a idealizadora da cirurgia de BLALOK-TAUSSIG, destinada ao tratamento das estenoses congênicas da artéria pulmonar (tetralogia de Fallot). O filme “Quase Deuses” narra a estória dessa cirurgia - sugerida por Dra Helen Taussig ao cirurgião Alfred Blalok-, em que teve importante papel o técnico do laboratório de cirurgia experimental Vivien Thomas. **Ver sinopse do filme na coluna cultural.**

A primeira cirurgia de Blalok-Taussig foi realizada no dia 09 de novembro de 1944, e atraiu o interesse da comunidade médica mundial. Os autores da façanha desdobraram-se

para atender os pacientes que chegavam ao hospital e também médicos de todo o mundo que tinham interesse de aprender a nova técnica cirúrgica.

Em 1959, a Dra Helen Taussig atingiu o mais alto grau da carreira acadêmica na Universidade Johns Hopkins, sendo uma das primeiras mulheres a alcançar este status. Em 1965, foi conduzida ao cargo de presidente da associação Americana de Cardiologia.

No dia 21 de maio de 1986, três dias antes de completar 88 anos de idade, faleceu em consequência de acidente automobilístico.